

## As 1as páginas dos jornais portugueses e a cobertura às Capitais Europeias da Cultura, Porto 2001 e Guimarães 2012

MARIA JOÃO CENTENO

mcenteno@escs.ipl.pt  
Escola Superior de Comunicação Social

### Resumo

Portugal acolheu, nos últimos 13 anos, duas edições do evento Capital Europeia da Cultura, Porto 2001 e Guimarães 2012; o que pretendemos ilustrar nesta comunicação é a cobertura que a imprensa portuguesa (jornais diários Público, Diário de Notícias, Correio da Manhã e Jornal de Notícias, newsmagazine Visão e semanário Expresso) realizou a cada um desses acontecimentos, e que nos permite definir as etapas que marcaram cada um deles, os padrões de atuação, os grandes protagonistas, o tipo de planeamento e as especificidades da programação. Esta comunicação apresenta os contornos da informação que a imprensa portuguesa veiculou ao longo dos dois anos em que decorreram as últimas edições da Capital Europeia da Cultura em Portugal, nomeadamente o facto de a cobertura jornalística se ter desviado da divulgação da programação dos eventos para a sugestão de roteiros de visita e pouco ou nada questionar o papel que as cidades, ao promover iniciativas deste tipo, têm enquanto lugares de inovação em termos de políticas culturais, de produção e inovação artísticas. As técnicas da análise de conteúdo realizada às referências de 1ª página e respetivos desenvolvimentos no interior das edições mostram como a imprensa é fundamental à promoção das cidades enquanto destinos culturais/turísticos, com a possível terrível consequência de transformar o jornalista da área da cultura em agente de promoção não tanto cultural mas turística.

**Palavras-Chave:** Cobertura jornalística; eventos culturais; destinos turísticos

---

### INTRODUÇÃO

O Conselho de Ministros da Cultura da União Europeia tem vindo a eleger cidades dos diferentes estados membros que se tornam, durante o período de um ano, Capitais Europeias da Cultura, com o intuito de “contribuir para a aproximação dos povos europeus” (nas palavras de Méline Mercouri, ministra da cultura grega que, em 1985, propôs ao Conselho de Ministros da Cultura das Comunidades Europeias o lançamento desta iniciativa) e ainda incentivar a apresentação, nesses espaços urbanos, de novos paradigmas culturais. Na génese deste modelo está o vetor da descentralização cultural, a possibilidade de cidades de média dimensão financiarem obras públicas, restaurarem património e promoverem-se em termos turísticos; o grande objetivo é dar visibilidade a cidades periféricas afastadas dos grandes centros de distribuição das indústrias culturais e criativas (Ribeiro, 2004).

Desde 1985, todos os anos, tem sido realizado, na Europa, um evento desta natureza (50 no total), elegendo-se, para o efeito, uma ou mais cidades europeias.

Portugal já acolheu três edições: Lisboa 94, Porto 2001 e Guimarães 2012.

Apesar do financiamento europeu, são os responsáveis locais que desempenham um papel crucial quer no financiamento, quer na gestão destes eventos. A própria candidatura ao título de Capital Europeia da Cultura é da responsabilidade das autoridades locais; são elas que determinam o modelo de gestão do evento e acompanham todas as etapas de implementação.

#### PORTO 2001

Em 1998, foi atribuída à cidade do Porto, simultaneamente com a cidade de Roterdão, o título de Capital Europeia da Cultura 2001.

Nesse mesmo ano, foi criada uma Sociedade Anónima de capitais públicos, designada Porto 2001, S.A. (sendo acionistas o Estado e o Município do Porto), que iria gerir o evento e que definiu como áreas de intervenção prioritárias: a música, o audiovisual e multimédia, as artes de palco e a requalificação urbana.

O planeamento do evento assentou em dois grandes princípios: "cruzar localismo e internacionalização" na organização de um leque de manifestações culturais; e capitalizar o evento a favor da cidade, da sua população e da sua cultura, "toda a cidade é cidadã" (Silva, 2003: 134), aproximando-a dos cidadãos através da renovação urbana e da revitalização económica e habitacional (esta última parte não foi atingida).

Os protagonistas do evento foram o Presidente da Câmara do Porto, Nuno Cardoso, a Vereadora da Cultura, Manuela Melo, a Presidente da Sociedade Anónima, Maria Teresa Lago e os programadores, Paulo Cunha e Silva e Pedro Burmester.

Em termos de programação cultural realizaram-se 450 eventos (apesar de só estarem previstos 398), realizados entre 13 de janeiro e 22 de dezembro de 2001 e dispersos entre: música; audiovisual e multimédia; animação da cidade; artes de palco (teatro, dança, marionetas e circo); pensamento, ciência, literatura, projetos transversais em articulação com Roterdão; artes plásticas, arquitetura e cidade; envolvimento da população.

A programação cultural captou cerca de 1,2 milhões de espetadores/visitantes. As atividades mais procuradas foram as Artes Plásticas e Arquitetura que, no conjunto, captaram 37% do total dos espetadores/visitantes.

O projeto da Porto 2001 foi, no entanto, insuficientemente planeado e orçamentado, uma vez que o primeiro orçamento, de 1999, previa 182,3 milhões de euros e, na última revisão, em Abril de 2001, foi corrigido para 226 milhões de euros, mais 24% do que o inicialmente orçamentado.

Este acréscimo no orçamento não teve uma relação direta na prossecução dos objetivos. A intenção de gerar uma nova dinâmica na vida cultural da cidade e criar marcas que se propagassem além de 2001 não foram totalmente atingidas (Balsas, 2004).

A aposta numa programação extensa e variada não foi suficiente para desencadear um aumento acentuado do turismo na cidade do Porto que, atendendo ao ano anterior, apenas cresceu cerca de 3%.

O evento foi realizado sem se poder usufruir do conjunto das intervenções efetuadas no âmbito dos equipamentos culturais; uma parte delas só foi concluída no segundo semestre de 2001, e, outra, apenas nos anos seguintes, como é o caso da Casa da Música.

As obras de requalificação urbana não beneficiaram, antes pelo contrário, prejudicaram o evento, ao dificultar a captação de públicos à cidade e, como tal, não contribuíram para que o Porto oferecesse aos seus visitantes a imagem de uma cidade renovada e cativante, como se pretendia inicialmente (Relatório de Auditoria à Casa da Música/Porto 2001, S. A., 2004).

"Foi maravilhoso como animação da cidade, que bem carecida estava de um empurrão cultural; foi extraordinário do ponto de vista da requalificação urbana e muito digno pela qualidade da programação. Mas nem tudo foram rosas, claro. As acusações de elitismo e o caos urbano em que mergulhou a cidade durante o próprio ano do evento, não ajudaram. Sobraram excelentes equipamentos culturais, com a emblemática Casa da Música à proa, mas sobraram, também, equipas extremamente profissionais capazes de reproduzir e melhorar toda a aprendizagem que uma iniciativa desta magnitude permite" (Carmo, 2005: 4).

#### GUIMARÃES 2012

Em 2009, e depois de ter sido aprovada a candidatura de Guimarães a Capital Europeia da Cultura, o Município de Guimarães constituiu a Fundação Cidade de Guimarães, pessoa coletiva de direito privado de utilidade pública.

A Fundação teve como objetivos principais: a conceção, planeamento, promoção, execução e desenvolvimento do programa cultural do evento; foi um projeto centrado na proteção dos valores patrimoniais (Guimarães faz parte da lista de Bens Património Mundial da UNESCO) e no investimento em produção cultural com dimensão contemporânea, focada na relação entre a criação e a cidadania. Participação – e não envolvimento – esteve no centro do evento: participar implica as duas partes e uma possível sujeição ao confronto, à tentativa e erro, ao imprevisto, enquanto envolver remete para o esforço de uma das partes em levar a outra, passiva, a agir em conformidade com algo, sustenta um ponto de vista soberano que não é a forma de cativar visitantes.

O projeto pode ser dividido em três áreas: regeneração social (trazer novas competências aos cidadãos e comunidades locais), regeneração económica e regeneração urbana (a aposta recaiu na reabilitação de espaços antigos e não na construção de novos equipamentos; a cidade do Porto precisava de novos equipamentos, Guimarães, em tempos um centro industrial, dispunha de inúmeros edifícios abandonados). Mas o grande objetivo foi ajudar os cidadãos a estar mais despertos e implicados, ou nas palavras de Francisca Abreu, então Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Guimarães, "cidadãos com forte 'patriotismo de cidade', orgulhosos da sua memória e identidade" (Abreu, 2013).

João Serra, Presidente da Fundação, reflete desta maneira sobre o projeto: "A ampliação da cidade não se limitou porém à dimensão estrutural. Também se

traduziu em novos usos ou novas combinações de usos dos seus espaços de encontro social e cultural” (Serra, 2013).

#### COBERTURA MEDIÁTICA

Os resultados das técnicas de análise de conteúdo à cobertura que a imprensa portuguesa (jornais diários Público, Diário de Notícias, Jornal de Notícias e Correio da Manhã, jornal semanário Expresso e revista semanal Visão) realizou aos dois eventos Capital Europeia da Cultura realizados em Portugal no arranque do século XXI, nomeadamente Porto 2001 e Guimarães 2012, mostram uma quebra na centralidade deste tipo de eventos na agenda mediática, na medida em que se a cobertura, no primeiro caso, contempla 81 ocorrências na 1ª página ao longo do ano de 2001, no segundo caso, a cobertura fica-se pelas 37 ocorrências, o que representa menos de metade das referências sobre o tema ao longo de um ano.

Nos dois anos em análise, 2001 e 2012, há aspetos coincidentes, nomeadamente, a altura do ano em que a cobertura é maior, referimo-nos concretamente ao arranque (janeiro) e ao término (dezembro) do evento; as práticas jornalísticas são marcadas pela atualidade e pelos momentos distintivos como o início e o fim.

Quer na cobertura da Porto 2001, quer de Guimarães 2012, o Jornal de Notícias e o Público são os suportes que mais vezes evidenciam o tema na 1ª página (quadro 1). O Jornal de Notícias foi oficialmente o jornal da Porto 2001, o que justifica o maior número de ocorrências de 1ª página nesse suporte e confirma o peso das parcerias institucionais na determinação das escolhas editoriais. Em Guimarães 2012 tal não aconteceu, mas como é um jornal maioritariamente dirigido à zona norte do país, este facto justifica a posição dianteira assumida também em 2012.

De salientar o facto de o jornal Correio da Manhã não ter realizado uma única peça na 1ª página sobre o tema no ano de 2012.

	2001		2012	
	Frequência	%	Frequência	%
Jornal de Notícias	43	53,1	20	54,1
Público	24	29,6	10	27,0
Diário de Notícias	5	6,2	4	10,8
Expresso	4	4,9	2	5,4
Correio da Manhã	3	3,7	-	-
Visão	2	2,5	1	2,7
Total	81	100,0	37	100,0

Quadro 1. Ocorrências na 1ª página de acordo com os suportes  
Fonte: Elaboração própria

Outro dos aspetos que denota a quebra de centralidade do tema Capital Europeia da Cultura é o tipo de destaque que os suportes dedicam ao evento na 1ª página. A cobertura aos dois eventos culturais não vive de manchetes mas de chamadas de 1ª página. De 2001 para 2012, o número de manchetes cai para metade; representando, em 2001, 32% do total de ocorrências e em 2012 apenas 16%. É nesse ano que as manchetes são ultrapassadas pelas remissões para suplementos, o que mostra como o tema tende a deixar de ocupar as páginas interiores do suporte

e é deslocado para os suplementos (não só de cultura, mas de lazer, como é o caso do *Fugas* no jornal Público).

As instituições públicas, enquanto protagonistas eleitos para dar conta do acontecimento Capital Europeia da Cultura, cedem o lugar aos indivíduos. A cobertura da Porto 2001 é marcada maioritariamente por aspetos relacionados com a Sociedade Anónima e as instituições públicas responsáveis pelo evento (o que ocupa os artigos de 1ª página são maioritariamente as áreas temáticas – música, literatura, dança, teatro, cinema... - em que as propostas programáticas se inserem e não tanto os próprios acontecimentos ou quem os apresenta). Guimarães 2012 é dada a conhecer através dos testemunhos de individualidades (músicos, responsáveis políticos, atores, programadores), são eles que celebrizam o acontecimento.

O Jornal de Notícias é o suporte que, na abordagem à Capital Europeia no Porto, aposta em dar a conhecer intervenientes no processo, as pessoas e os balanços da sua atividade mas sempre na 1ª pessoa, escolhe maioritariamente políticos e personalidades como José Sasportes, Ministro da Cultura, e Teresa Lago e programadores como Pedro Burmester. O jornal Público aposta na divulgação da programação. E o Diário de Notícias é o suporte que assume a vertente mais política do acontecimento, dando voz a protagonistas como Rui Rio, então candidato a Presidente da Câmara Municipal do Porto e Paulo Cunha e Silva.

Mais de 60% das peças da 1ª página são acompanhadas de imagens, quer na cobertura da Porto 2001, quer na de Guimarães 2012, tratando-se maioritariamente de fotografias de lugares no primeiro caso (a afirmação da cidade em detrimento de outros aspetos) e autores individuais no segundo. O que mais uma vez vem reforçar a aposta da cobertura mediática, em 2012, nos indivíduos e, como vamos ver pela análise aos desenvolvimentos nas páginas interiores, na obra que produzem.

Sendo as Capitais Europeias da Cultura eventos que permitem promover, em termos turísticos, as cidades que os acolhem, quer pela dotação de novos equipamentos culturais, quer pelo restauro de património, mas acima de tudo por se poderem posicionar como lugares de produção e inovação artísticas (Richards and Wilson, 2004), podemos concluir que, com a diminuição do número de peças de um evento para o outro, a cobertura se deslocou da intervenção das instituições responsáveis pelo evento para a obra individual, assiste-se à substituição do coletivo pelo individual.

Esta perspetiva não se altera muito quando analisamos os desenvolvimentos realizados nas páginas interiores ao destaque da primeira página. O Jornal de Notícias continua a ser o que mais artigos publica sobre o tema da Capital Europeia da Cultura (quadro 2).

	2001		2012	
	Frequência	%	Frequência	%
Jornal de Notícias	61	50,8	25	49,0
Público	42	35,0	18	35,3
Diário de Notícias	5	4,2	4	7,8
Correio da Manhã	4	3,3	-	-
Expresso	4	3,3	4	7,8

Visão	4	3,3	-	-
Total	120	100,0	51	100,00

Quadro 2. Artigos por suporte  
Fonte: Elaboração própria

Em termos de género jornalístico (quadros 3 e 4), a cobertura à Capital Europeia da Cultura no Porto foi realizada maioritariamente através de notícias com desenvolvimento e reportagens (em que predominam os estilos discursivos opinativo e descritivo), enquanto no caso de Guimarães, é realizada maioritariamente pelo género reportagem<sup>1</sup> (estilos discursivos interpretativo e descritivo). E de que tipo de reportagens estamos a falar? Aquelas em que o jornalista faz o roteiro (género que não existia em 2001), em que promove um percurso e incita à visita: "A Fugas de hoje mostra-lhe tudo o que não pode perder na cidade-berço" (jornal Público *Fugas*, 14 de janeiro de 2012: 3); o que nos interpela sob o ponto de vista de qual é a sua missão: divulgar informação sobre o acontecimento para poder num momento ulterior conduzir a crítica aos acontecimentos ou funcionar como agente promotor de eventos, numa lógica em que a cultura serve o turismo e o jornalista o entretenimento?

Deslocando esta análise para a questão dos efeitos dos media, mais especificamente da imprensa, somos tentados a inverter o percurso que caracteriza esta área de estudos e falar da passagem de efeitos a nível de quadros mentais e de universos cognitivos dos indivíduos a efeitos concebidos em termos de atitudes ou comportamentos. A imprensa, com esta índole de incitar à ação mais do que à reflexão, ultrapassa o papel de mediador da relação com o mundo que nos rodeia ao constituir a agenda pública e fixar o interesse dos leitores, e assume-se como formadora de opinião e de atitudes perante os assuntos em questão. Tal como McCombs alertou, em 1998, fazendo referência a uma nova dimensão de efeitos do *agenda-setting*, "os meios de comunicação não podem dizer-nos apenas sobre o que pensar, mas também nos podem dizer como pensar e, talvez, também, possam dizer-nos o que fazer" (Esteves, 2012: 131). Em termos da cobertura a grandes eventos como as Capitais Europeias da Cultura é exatamente isso que passou a acontecer.

O género jornalístico entrevista, fundamental à exposição da visão do mundo do outro, cai para metade de uma edição para outra, o que contribui para a promoção de um determinado *lifestyle* sugerido pelo jornalista e não por outros agentes sociais.

A tendência observada de deslocar a cobertura ao tema das páginas interiores do jornal para suplementos é outro dos fatores que contribui para a alteração no estilo discursivo dominante, é nos suplementos que o estilo se assume como predominantemente interpretativo. Aliás, quando cruzamos os dados do género jornalístico com os artigos por suporte sobressai o jornal Público, por ser aí que, em 2001, o estilo opinativo se sobrepõe aos restantes, contrariamente ao Jornal de Notícias em que

<sup>1</sup> Apesar de o jornal Público não ser o que apresenta maior número de artigos sobre a cobertura à Capital Europeia da Cultura em Guimarães é o que tem um maior número de reportagens (11 num total de 24), superando o Jornal de Notícias.

predomina o estilo descritivo. Por sua vez, em 2012, o estilo interpretativo destaca-se no jornal Público mas não no Jornal de Notícias, onde prevalece o estilo opinativo.

	Público	DN	JN	CM	Expresso	Visão	Total
Notícia com desenvolvimento	7	1	24	3	2	1	38
Reportagem	10	0	15	1	0	1	27
Entrevista	8	3	8	0	0	1	20
Crítica	9	0	5	0	0	0	14
Artigo de opinião	2	0	5	0	1	0	8
Editorial	4	0	0	0	0	0	4
Notícia	0	0	3	0	0	0	3
Depoimentos	0	1	1	0	0	1	3
Breve	1	0	0	0	0	0	1
Não jornalístico	1	0	0	0	0	0	1
Total	42	5	61	4	3	4	119

Quadro 3. Género Jornalístico x Suporte (2001)  
Fonte: Elaboração própria

	Público	DN	JN	Expresso	Total
Reportagem	11	3	10	0	24
Notícia com desenvolvimento	3	0	7	1	11
Crítica	2	1	0	2	5
Notícia	0	0	4	0	4
Entrevista	1	0	2	1	4
Depoimentos	0	0	2	0	2
Roteiro	1	0	0	0	1
Total	18	4	25	4	51

Quadro 4. Género Jornalístico x Suporte (2012)  
Fonte: Elaboração própria

A recorrência a fontes é igualmente diversa; no caso da Porto 2001, os jornalistas recorrem maioritariamente a uma única fonte (ligada ao setor público, na medida em que os grandes protagonistas são as instituições públicas), o mesmo não acontecendo em Guimarães 2012, onde recorrem a mais do que uma fonte (divididas entre os setores privado e público, sendo os grandes protagonistas já não instituições mas indivíduos), na medida em que o género maioritário é a reportagem. Esta análise acentua a passagem da prática jornalística de uma consulta a fontes institucionais para fontes não institucionais, deslocando a ênfase do trabalho coletivo para o trabalho individual.

A maior amplitude de artigos sobre a Porto 2001 reflete-se também na maior amplitude temática que foi contemplada (quadro 5); Manuela Melo, Vereadora da Câmara Municipal do Porto, manifesta, em entrevista publicada no jornal Público no dia 16 de fevereiro de 2001, o importante papel reservado à comunicação social na divulgação da programação: "a informação essencial está a passar, até por via da comunicação social".

	2001		2012	
	Frequência	%	Frequência	%
Capital Europeia da Cultura	62	52,1	42	82,4
Inauguração	23	19,3	6	11,8
Conflito	12	10,1	2	3,9
Estreia	5	4,2	-	-
Espetáculo	4	3,4	-	-
Lançamento	2	1,7	-	-
Congressos	2	1,7	-	-
Protocolo/contrato	2	1,7	-	-
Outros	2	1,7	-	-
Exposições	1	,8	-	-
Demissão	1	,8	-	-
Homenagem	1	,8	-	-
Na/Nd	1	,8	1	2,0
Total	118	100,0	51	100,0

Quadro 5. O que é notícia?  
Fonte: Elaboração própria

Há, no entanto, um aspeto que contraria esta tendência decrescente de 2001 para 2012, o espaço que os artigos ocupam nas páginas dos jornais (quadro 6). Em 2001, a maioria dos artigos ocupa uma página (exceto no jornal Público em que ocupa mais do que uma página) e, em 2012, apesar de em menor número, ocupam maioritariamente mais de uma página (mais uma vez é o jornal Público o que mais contribui para esta circunstância, na medida em que no Jornal de Notícias, os artigos ocupam maioritariamente uma página). O facto de se tratarem maioritariamente de reportagens justifica a maior área reservada à cobertura do acontecimento.

	2001		2012	
	Frequência	%	Frequência	%
Uma página	37	31,1	18	35,3
Mais de uma página	37	31,1	20	39,2
Meia página	34	28,6	10	19,6
Um quarto de página	11	9,2	3	5,9
Total	119	100,0	51	100,0

Quadro 6. Espaço ocupado pelos artigos  
Fonte: Elaboração própria

A temática da Capital Europeia da Cultura é maioritariamente abordada por jornalistas da secção de cultura, no entanto, como no caso da Porto 2001 foi realizada uma ligação entre o evento e a Sociedade Anónima responsável pelo mesmo, também houve jornalistas de outras secções dos suportes a escrever sobre o tema, nomeadamente jornalistas de política.

Tal como na primeira página, também os artigos no interior dos suportes se fazem acompanhar de imagens, maioritariamente fotografias. No caso da Porto 2001, os referentes fotográficos são maioritariamente lugares (principalmente no Jornal de Notícias), autores e obras, enquanto, em Guimarães 2012, as obras trocam de lugar com os autores e ganham primazia (principalmente no Jornal Público), não conseguindo ultrapassar os lugares. O que os referentes fotográficos nos mostram,

de forma concordante também com as imagens que ocupam as 1as páginas, é que no caso da Porto 2001, as imagens se centram maioritariamente nos responsáveis políticos do evento, enquanto, em Guimarães 2012, a centralidade recai na obra produzida, quer por programadores, quer por artistas.

Se atendermos ao género dos protagonistas fotográficos, a distância entre o masculino e o feminino é maior quando nos deslocamos de 2001 para 2012, para esse facto contribuem os nomes de Manuela Melo e Teresa Lago no primeiro caso e a ausência de mulheres nos cargos diretivos da fundação responsável por Guimarães 2012.

#### NOTAS FINAIS

Através da análise de imprensa é possível verificar o papel que este meio de comunicação tradicional desempenha na construção da percepção dos eventos e na existência simbólica e material de cada uma das cidades.

A cobertura mediática desviou-se da divulgação da programação dos eventos para a sugestão de roteiros de visita e pouco ou nada questiona o papel que as cidades, ao promover iniciativas deste tipo, têm enquanto lugares de inovação em termos de políticas culturais, de produção e inovação artística, na requalificação urbana e ambiental, na revitalização económica, na formação e criação de novos artistas e novos públicos.

Os responsáveis locais e os programadores enfatizam precisamente a possibilidade que estes eventos representam de regenerar as cidades, no entanto, este processo de regeneração está ausente da cobertura jornalística. As duas dimensões comunicativas não coincidem; pelo contrário, divergem. Os responsáveis enfatizam o facto de ao dinamizarem políticas culturais, contribuírem para a transformação urbana, não só durante o ano em que decorre o evento, mas daí por diante. A cobertura jornalística centra-se no presente e tende a oferecer produtos fáceis de consumir.

Os resultados da pesquisa mostram que a imprensa, enquanto construtora social da realidade, contribui para enformar o impacto que estes eventos culturais têm na imagem das cidades, perspectivadas em termos locais, mas sobretudo em termos nacionais, ao estimular o consumo entre os residentes, mas acima de tudo ao atrair visitantes. A cobertura que a imprensa realizou a estes grandes eventos, apesar de "catalisadores dos processos de regeneração das cidades na medida em que misturam estratégias para o turismo com planeamento urbano e podem aumentar a confiança e o orgulho das comunidades locais" (García, 2004: 104), circunscreve-se à promoção das cidades que os acolhem enquanto destinos culturais/turísticos, pouco contribuindo para o empoderamento local.

O que nos leva a refletir sobre as condições de mediação social da própria relação que as pessoas estabelecem com os media, pessoas que têm de ser, pelo menos, separadas entre os visitantes e os residentes. Para a circunstância de se tornar visitante é imprescindível a visibilidade que a imprensa atribui a determinada matéria informativa e a capacidade que daí advém de fixar o interesse. Por

outro lado, os atributos sociais e psicológicos dos residentes contribuem para que os poderosos efeitos dos media saiam esbatidos, o grau de experiência e implicação com o assunto diminui os efeitos da informação mediática, “embora cada vez mais os media nos nossos dias se apresentem como fontes primárias de experiência social, ainda assim parece que lhes continua a caber um papel secundário, pelo menos em termos cognitivos, sempre que os mesmos não se encontram sozinhos no terreno – quando não são a única fonte de experiência e, mais em especial, quando se encontram em concorrência com fontes de experiência primária diretas (quaisquer formas de contacto sensorial mais imediato estabelecido com os diversos elementos do mundo envolvente)” (Esteves, 2012: 122).

A imprensa, ao demitir-se de refletir sobre o papel que estes eventos podem ter em desenvolver nas cidades práticas culturais continuadas e ao reduzir-se à promoção ocasional de roteiros turísticos de práticas de lazer, teima em cumprir objetivos de satisfação imediata e não a promoção cultural.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balsas, C. (2004). City centre regeneration in the context of the 2001 European Capital of Culture in Porto, Portugal. *Local Economy*, 19 (4), 396-410.
- Carmo, T. M. (2005). Capitais europeias da cultura: um balanço. *Janus*. Disponível em [www.janusonline.pt](http://www.janusonline.pt).
- Esteves, J. P. (2012). Agenda-setting e efeitos dos Media: o desenvolvimento paradoxal da teoria e o regresso a uma perspetiva comportamentalista. In Isabel Ferin; Ana Cabrera; Jorge Pedro Sousa (Orgs), *Pesquisa em Media e Jornalismo – Homenagem a Nelson Traquina* (pp. 108-137). Covilhã: Livros LabCom.
- García, B. (2004). Urban regeneration, arts programming and major events, Glasgow 1990, Sydney 2000 and Barcelona 2004. *International Journal of Cultural Policy*, 10 (1), 103-118.
- Reason, M. & García, B. (2007). Approaches to the newspaper archive: content analysis and press coverage of Glasgow's Year of Culture. *Media, Culture & Society*, 29 (2), 304-331.
- Richards, G. & Wilson, J. (2004). The impact of cultural events on city image: Rotterdam, Cultural Capital of Europe 2001. *Urban Studies*, 41 (10), 1931-1951.
- Silva, P. C. (2003). Cidade e programação cultural. O caso do Porto em 2001. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 13, 131-137.

#### OUTRAS REFERÊNCIAS

- Abreu, F. (2013). Entrevista com a autora. 05.07.2013.
- Decreto-Lei nº 202/2009 de 28 de agosto in DR, 1ª série, Nº 167.
- Relatório de Auditoria à Casa da Música/Porto 2001, S. A. do Tribunal de Contas. (2004).
- Ribeiro, A. P. (2004). 'Lisboa 94, 10 anos depois'. *Jornal Público*, 03.01.2004.
- Serra, J. (2013). 'Guimarães 2012, a cultura, a cidade e o futuro'. *Jornal Público*, 05.07.2013.